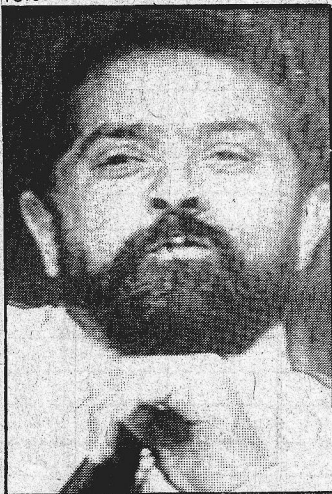




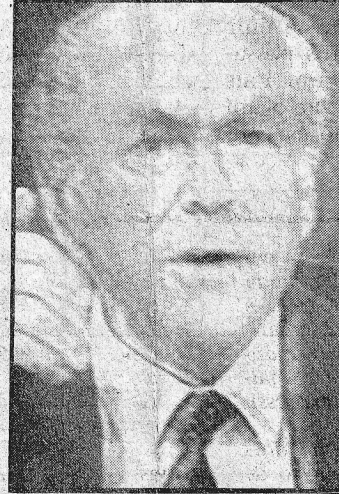
Lula - PT



Covas — PSDB



Caiado — PSD



Brizola — PDT



Afif — PL



Maluf — PDS



Freire — PCB

Polarização, a arma dos candidatos

LAURA FONSECA

“Brizola, você não entende nada de economia”, ataca Paulo Maluf ouvindo como resposta: “Você vai morrer de velho e nunca vai entender meus pensamentos”. A polarização Maluf/Brizola, embora sem grande agressividade, foi a maneira que os dois candidatos encontraram para aparecer, uma vez que os grandes embates esperados eram Covas contra Afif e Caiado contra Lula, em continuação ao debate anterior.

A descontração e até bom humor de Mário Covas deram o

tom a maior parte do debate. Usando sua memória e apetência por números, ele falou sobre educação, saúde, investimentos públicos, dívida interna e externa. Ao ser atacado de “incoerente” por estar agora mais à direita do que durante a Constituinte, Covas explicou suas posições didaticamente, sem se alterar. Ele também se preocupou em demonstrar a pouca afinidade que Brizola tem com a economia perguntando sobre orçamentos e novas diretrizes.

Brizola se comportou de maneira diametralmente oposta ao debate anterior, onde tumultuou o processo e não respeitou regras ou tempos. Calmo e contido, ele se limitou desta vez a atacar os ausentes, na verdade os candidatos mais importantes da disputa — o líder das pesquisas, Collor

de Mello e o recém-chegado que veio para embaralhar, Sílvio Santos. “Trata-se de uma violência contra o povo. Collor é uma grande farsa, e Sílvio lançado pela direita inconformada, está enganando a boa fé da população”.

Freire mostrou sua habilidade de argumentação, defendendo suas bandeiras de sempre — educação e saúde pública de boa qualidade para todos — com o Estado gastando nesses setores e não subsidiando os setores privados que transformaram essas necessidades em “bens de consumo”, acessíveis somente a quem tem dinheiro. Apenas perdeu a compostura quando foi aparteado por Caiado. “O nível do debate estava bom até agora. Com o doutor Caiado no meio, fica difícil as boas maneiras”.

Afif permaneceu apagado durante dois terços do programa, até que trouxe à luz um fato importante: o veto do Presidente, que permitiu o lançamento de Sílvio Santos, não foi derrubado no Congresso porque o PDT de Brizola, o PT de Lula e o PSDB de Covas não se articularam para derrubá-lo uma vez que tinham interesses em relação a vices de suas próprias chapas. Os três tentaram se defender, mas o fato ficou: a filiação partidária livre, resultando na candidatura Sílvio Santos, também favoreceu as três candidaturas.

Sílvio Santos, mesmo ausente, foi citado múltiplas vezes, seja como despreparado para a Presidência, seja “desleal por entrar no jogo no último momento”. Lula comparou a disputa presidencial a um jogo de cartas em

que alguém fica sapeando as cartas de cada jogador. “Quando se está chegando ao final, este alguém quer jogar, não é justo, ele já conhece os altos e baixos de cada um, não pode entrar nesta cartada, precisa esperar a próxima”.

Mário Covas comparou a entrada de Sílvio a uma corrida de maratona com 42 quilômetros. “Quando os candidatos suados e exaustos estão chegando na reta final, chega alguém de banho tomado e roupas limpas para correr os últimos 100 metros. Não é justo”. Para ele, a entrada tardia de um candidato, que é muito popular e conhecido, representa um retrocesso na formação de consciência política de um povo, porque se está confundindo campanha presidencial com concurso de popularidade.

Roberto Freire acrescentou que a culpa do povo se deixar enganar por golpes palacianos é da ditadura, ao impedir que a população exercesse seu direito de escolha durante cinco eleições presidenciais sucessivas.

Lula não conseguiu manter a tranquilidade do debate anterior. Ele continuou a ser criticado por Caiado que chegou a propor sua desistência da corrida se o “escândalo Lubeca” fosse provado, comprometendo-se a renunciar à sua, caso a UDR pudesse ser reconhecida culpada pela violência no campo e mortes de posseiros.

Embora rebatendo as críticas e até atacando Maluf em casos de corrupção, Lula permaneceu na defensiva e sua estrela não brilhou tanto quanto em debates anteriores.